

VOL II

POR PALAVRAS E GESTOS A ARTE DA LINGUAGEM

Patrícia Vasconcelos Almeida
Mauriceia Silva de Paula Vieira
(Organizadoras)



EDITORA
ARTEMIS
2020

VOL II

POR PALAVRAS E GESTOS

A ARTE DA LINGUAGEM

Patrícia Vasconcelos Almeida
Mauriceia Silva de Paula Vieira
(Organizadoras)



**EDITORA
ARTEMIS**
2020

2020 by Editora Artemis
Copyright © Editora Artemis
Copyright do Texto © 2020 Os autores
Copyright da Edição © 2020 Editora Artemis
Edição de Arte: Bruna Bejarano
Diagramação: Helber Pagani de Souza
Revisão: Os autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*.
Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento, desde que sejam atribuídos créditos aos autores, e sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Editora Chefe:

Prof^ª Dr^ª Antonella Carvalho de Oliveira

Organizador:

Wilson Noé Garcés Aguilar

Bibliotecário:

Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Conselho Editorial:

Prof. Dr. Adalberto de Paula Paranhos, Universidade Federal de Uberlândia
Prof.^ª Dr.^ª Catarina Castro, Universidade Nova de Lisboa, Portugal
Prof.^ª Dr.^ª Cláudia Neves, Universidade Aberta de Portugal
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos, Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Eduardo Eugênio Spers, Universidade de São Paulo
Prof. Dr. Eloi Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Geoffroy Roger Pointer Malpass, Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM)
Prof.^ª Dr.^ª Iara Lúcia Tescarollo Dias, Universidade São Francisco
Prof. Dr. Ivan Amaro, Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Prof.^ª Dr.^ª Ivânia Maria Carneiro Vieira, Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz, University of Miami and Miami Dade College - USA
Prof. Dr. Joaquim Júlio Almeida Júnior, UniFIMES - Centro Universitário de Mineiros
Prof. Dr. Juan Diego Parra Valencia, Instituto Tecnológico Metropolitano de Medellín - Colômbia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof.^ª Dr.^ª Livia do Carmo, Universidade Federal de Goiás
Prof.^ª Dr.^ª Luciane Spanhol Bordignon, Universidade de Passo Fundo

Prof. Dr. Marcos Augusto de Lima Nobre, Universidade Estadual Paulista (UNESP)
Prof.ª Dr.ª Maria Aparecida José de Oliveira, Universidade Federal da Bahia
Prof.ª Dr.ª Mauriceia Silva de Paula Vieira, Universidade Federal de Lavras
Prof.ª Dr.ª Odara Horta Boscolo, Universidade Federal Fluminense
Prof.ª Dr.ª Patrícia Vasconcelos Almeida, Universidade Federal de Lavras
Prof. Dr. Rodrigo Marques de Almeida Guerra, Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. Sergio Bitencourt Araújo Barros, Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Sérgio Luiz do Amaral Moretti, Universidade Federal de Uberlândia
Prof.ª Dr.ª Vanessa Bordin Viera, Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Wilson Noé Garcés Aguilar, Corporación Universitaria Autónoma del Cauca - Colômbia

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

P832 Por palavras e gestos [recurso eletrônico] : a arte da linguagem vol II
/ Organizadoras Patricia Vasconcelos Almeida, Mauriceia Silva
de Paula Vieira. – Curitiba, PR: Artemis, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-87396-11-8

DOI 10.37572/EdArt_118310720

1. Linguística. 2. Letras. 3. Artes. I. Vieira, Mauriceia Silva de
Paula. II. Almeida, Patricia

CDD 469

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

APRESENTAÇÃO

Os estudos que envolvem a linha de ensino-aprendizagem de línguas, seus métodos e seus princípios, percorrem searas diversas e acabam por tangenciar as questões relacionadas aos aspectos culturais. Por essa razão, é recorrente a menção de que língua e cultura são indissociáveis, posição essa reverberada por Kramsch (1998) que, há mais de duas décadas, já afirmava que as línguas expressam e simbolizam realidades culturais.

Desta forma, seja nos aspectos instrumentais da língua, seja nas especificidades do ensino da língua materna, neste caso a língua portuguesa, bem como nas peculiaridades do ensino de língua estrangeira - língua inglesa e língua portuguesa para estrangeiros - e ainda na sutileza da língua brasileira de sinais e da língua indígena, os aspectos linguísticos estão entrelaçados às questões culturais.

Considerando também as oportunidades e possibilidades oriundas de um novo saber constituído pelo processo de ensino-aprendizagem de línguas, é possível perceber que independentemente do prisma em que se observa, se estuda e se teoriza o processo de ensino-aprendizagem da língua, as premissas da internacionalização se fazem presentes quando a intenção é fornecer subsídios que viabilizem as trocas interculturais entre os aprendizes de línguas. Não limitado aos aspectos linguísticos, é possível encontrar no ensino da literatura, dos gêneros textuais, dos enunciados - e porque não mencionar dos comportamentos sociais vistos como uma manifestação de linguagem - congruências que permitem ressaltar sua significação em benefício do aprendiz de línguas.

Assim, esperamos que este segundo volume do livro *Por Palavras e Gestos: A Arte da Linguagem* seja mais uma contribuição para os profissionais e estudiosos que se veem envolvidos na busca da compreensão dos diversos aspectos que constroem o processo de ensino-aprendizagem de línguas.

Patricia Vasconcelos Almeida
Mauriceia Silva de Paula Vieira

SUMÁRIO

O ENSINO DE LÍNGUAS E SUAS NUANCES

CAPÍTULO 1	1
A LINGUAGEM DE ALUNOS DE INGLÊS PARA FINS ESPECÍFICOS NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL TECNOLÓGICA	
Elaine Lima de Sousa Marta de Faria e Cunha Monteiro	
DOI 10.37572/EdArt_1183107201	
CAPÍTULO 2	13
UM ESTUDO SOBRE A VARIAÇÃO LEXICAL EM LÍNGUA INGLESA	
Rafaela Sepulveda Aleixo Lima Aline das Graças Monteiro Miranda Barros	
DOI 10.37572/EdArt_1183107202	
CAPÍTULO 3	27
LEITURA E PRODUÇÃO DE SINOPSE DE FILMES: EM CENA A COMPREENSÃO INTERCULTURAL DO CINEMA ¹	
Alana Oliveira da Cruz Ventura Risonete Lima de Almeida	
DOI 10.37572/EdArt_1183107203	
CAPÍTULO 4	37
A APRENDIZAGEM DO PORTUGUÊS POR FALANTES DO INGLÊS E A PERMEABILIDADE DA INTERLÍNGUA	
Edith Santos Corrêa	
DOI 10.37572/EdArt_1183107204	
CAPÍTULO 5	51
ENSINO DE LÍNGUAS BASEADO EM TAREFAS: PRINCÍPIOS PARA A ELABORAÇÃO DE TAREFAS	
Catarina Castro	
DOI 10.37572/EdArt_1183107205	
CAPÍTULO 6	63
O REFLEXO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO DA VIOLÊNCIA NO BRASIL: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES PARA O ENSINO DO PLE	
Javier Martín Salcedo	
DOI 10.37572/EdArt_1183107206	
CAPÍTULO 7	76
O ROTEIRO CULTURAL COMO CAMINHO PARA A INTEGRAÇÃO DO OUTRO	
Maria Isabel Cipriano Machado	
DOI 10.37572/EdArt_1183107207	
CAPÍTULO 8	88
LETRAMENTO INTERCULTURAL BILÍNGUE NA ESCOLA MUNICIPAL INDÍGENA TUPANA YPORÓ EM IRANDUBA, MUNICÍPIO DO ESTADO DO AMAZONAS	
Alesandro de Lima Gomes Francisca de Lourdes Souza Louro	
DOI 10.37572/EdArt_1183107208	

CAPÍTULO 9 105

AÇÕES DE INTERNACIONALIZAÇÃO DO IFMT CAMPUS BARRA DO GARÇAS: OPORTUNIDADES E POSSIBILIDADES A PARTIR DAS LÍNGUAS ESTRANGEIRAS

Renata Francisca Ferreira Lopes
Rafael José Triches Nunes
Elisângela Kipper
Ana Paula Vasconcelos da Silva
Renan Rezende Coelho
Kelly Cristhel do Nascimento Pimentel
Kátia Caetano Diniz Bonfim
Raquel Araújo Mendes de Carvalho

DOI 10.37572/EdArt_1183107209

OUTROS SENTIDOS PARA O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DE LINGUAS

CAPÍTULO 10 119

A LITERATURA NO ENSINO MÉDIO PODE SER UM CAMINHO PARA A FORMAÇÃO DE UM LEITOR?

Frank Alves Damasceno

DOI 10.37572/EdArt_11831072010

CAPÍTULO 11 130

LEITURA E ESCRITA: UMA PROPOSTA DE ENSINO COM O GÊNERO TEXTUAL NOTÍCIA APLICÁVEL AO ENSINO MÉDIO

Manoel Cândido Nogueira (UFCG)
Leandro de Souza França (UFCG)
Hérica Paiva Pereira (UFCG)

DOI 10.37572/EdArt_11831072011

CAPÍTULO 12 141

DISCURSO MONOLÍNGUE E PRÁTICAS DE TRANSLINGUISMO: UM ESTUDO SOBRE OS ENUNCIADOS DOS ALUNOS DO ENSINO MÉDIO

Noêmia Maria de Souza

DOI 10.37572/EdArt_11831072012

CAPÍTULO 13 152

O MITO AMAZÔNICO: UMA TRADIÇÃO ORAL

Micheline Tacia de Brito Padovani

DOI 10.37572/EdArt_11831072013

CAPÍTULO 14 162

ASPECTOS SIMBÓLICOS DO ALEITAMENTO MATERNO

Danielle de Fatima Silva Ferreira

DOI 10.37572/EdArt_11831072014

SOBRE AS ORGANIZADORAS..... 178

ÍNDICE REMISSIVO 179

UM ESTUDO SOBRE A VARIAÇÃO LEXICAL EM LÍNGUA INGLESA

Data de submissão: 20/06/2020

Data de aceite: 20/07/2020

Rafaela Sepulveda Aleixo Lima

UENF – Mestrado em Cognição e Linguagem
Campos dos Goytacazes - RJ
<http://lattes.cnpq.br/7535281634747718>

Aline das Graças Monteiro Miranda Barros

UENF – Mestrado em Cognição e Linguagem
Campos dos Goytacazes - RJ
<http://lattes.cnpq.br/2561462602218335>

RESUMO: O presente trabalho visa apresentar uma breve análise sobre o conceito de variação linguística, com foco na variação lexical, associada ao *status* de língua franca atribuído ao inglês no Componente Curricular de Língua Inglesa da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Inicialmente, são apontadas algumas reflexões a respeito do conceito de variação linguística, a partir das concepções de diferentes teóricos, dentre eles, Labov (1972) e Benveniste (1976; 1989). A variação linguística pode ocorrer nos diferentes níveis linguísticos: fonético/ fonológico, morfológico, lexical, sintático, semântico e pragmático. Entretanto, neste trabalho, será analisada apenas a variação lexical, a partir de exemplos extraídos do *The Harvard Dialect Survey*, pesquisa

desenvolvida em 2003 pelo professor Bert Vaux e colaboradores, no Departamento de Linguística da Universidade de Harvard, que criou mapas dialetais a partir de uma série de perguntas, incluindo fonética e léxico, visando explorar palavras e sons na Língua Inglesa. Em seguida, aborda-se a questão da variação a partir de uma proposta de ensino de Língua Inglesa baseada nos apontamentos do Componente Curricular de Língua Inglesa da Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

PALAVRAS-CHAVE: Variação linguística; variação lexical; Língua Inglesa; BNCC.

A STUDY ABOUT LEXICAL VARIATION IN ENGLISH

ABSTRACT: The present study aims to present a brief analysis on the concept of linguistic variation, focusing on lexical variation, associated with the status of the *lingua franca* (ILF) attributed to English in the English Language Curricular Component of the National Common Curricular Base (BNCC). Initially, some reflections and respect for the concept of linguistic variation are pointed out, from the conceptions of different theorists, among them, Labov (1972) and Benveniste (1976; 1989). Linguistic variation can occur at different linguistic levels: phonetic

/ phonological, morphological, lexical, syntactic, semantic and pragmatic. However, in this study, only a lexical variation will be analyzed, based on extra examples from *The Harvard Dialect Survey*, a research developed by Professor Bert Vaux and collaborators, at the Department of Linguistics at Harvard University in 2003, which created dialectical maps from a series of questions, including phonetics and *lexico*, using keywords and sounds in English. Then, it addresses a question of variation based on a proposal for teaching English, in the indicators of the English Language Curricular Component of the National Common Curricular Base (BNCC).

KEYWORDS: Linguistic Variation; lexical variation; English; BNCC.

1 . INTRODUÇÃO

Língua e sociedade são instâncias indissociáveis, visto que não é possível conceber a sociedade humana sem a linguagem, nem a língua pode ser realizada fora das relações sociais. A relação entre língua e sociedade se dá de maneira mútua, visto que é através da linguagem que o homem consegue participar das relações sociais. A língua caracteriza-se por ser um corpo dependente, que sofre influências da estrutura social.

Sendo assim, não é possível conceber a língua fora do contexto sociocultural, da comunidade linguística, do contexto de produção. Língua e sociedade são instâncias dinâmicas que sofrem mudanças significativas ao longo do processo histórico. Neste sentido, “o objeto da Sociolinguística é o estudo da língua falada, observada, descrita e analisada em seu contexto social, isto é, em situações reais de uso.” (MUSSALIM, BENTES; ALKMIM, 2012, p. 29). Sendo assim, o ponto de partida da Sociolinguística é a *comunidade linguística*, ou seja, o grupo de pessoas que interagem verbalmente e que compartilham um conjunto de normas com respeito aos usos linguísticos.

Contudo, ao estudar as comunidades linguísticas, a Sociolinguística também identifica a existência de diversidade ou da variação. Neste sentido, os estudos sociolinguísticos ignoram a noção de homogeneidade linguística, encarando “a diversidade linguística não como um problema, mas como uma qualidade construtiva do fenômeno linguístico.” (MUSSALIM, BENTES; ALKMIM, 2012, p. 33).

Nesta perspectiva, o presente trabalho busca destacar a importância de se abordar o processo de variação linguística no âmbito das salas de aula de língua inglesa na educação básica, com a finalidade de minimizar questões relacionadas ao preconceito linguístico, bem como de refletir sobre questões de supervalorização e perseguição por um inglês “puro” e “correto”, trazendo para o centro da sala de aula a noção do inglês como língua franca, focando na função social e política do mesmo, conforme apontamentos do Componente Curricular de Língua Inglesa da Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

2 . VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

As línguas são continuidades históricas que se manifestam nos falantes através de variedades linguísticas próprias, caracterizadas por fenômenos socioculturais heterogêneos (variações geográficas e sociais). Os membros de qualquer comunidade “adquirem lenta e inconscientemente as competências comunicativa e sociolinguística com respeito ao uso apropriado da língua” (FISHMAN, 1974 [1972], p.28) de modo que história, sociedade e língua se inter cruzam compondo-as mutuamente.

Em cada momento histórico, “as teorias linguísticas definem, a seu modo, a natureza e as características relevantes do fenômeno linguístico” (MUSSALIM, BENTES; ALKMIM, 2012, p.26). Para Benveniste (1976; 1989), a língua apresenta uma dupla significância: uma ao nível semiótico e a outra ao nível semântico. Ele expande e ao mesmo tempo busca romper com o racionalismo presente no estruturalismo Saussuriano e considera, em dado momento, a exterioridade dos contextos comunicativos. Para ele, “é dentro da, e pela língua, que indivíduo e sociedade se determinam mutuamente” (BENVENISTE, 1976, p. 27) e dessa forma “não há sentido para o homem separado da linguagem” (BENVENISTE, 1989, p.285) cuja significação é resultado da interação.

Labov, assim como Benveniste, aborda a questão da exterioridade enfatizando a relação entre língua(gem), os falantes e o meio. “O aspecto social da língua deve ser estudado pela observação de qualquer indivíduo, mas o aspecto individual só pode ser estudado pela observação da língua em seu contexto social” (LABOV, 2008 [1972], p. 218). A língua é tanto um instrumento de comunicação quanto um comportamento social na comunidade de fala, de modo que a variação torna-se uma característica intrínseca da mesma, permitindo diferenciar indivíduos, grupos e comunidades.

A partir da compreensão de língua como fato social, depreende-se que a coexistência de variações ocorre dentro e através das “relações estabelecidas pela estrutura sociopolítica de cada comunidade” (MUSSALIM, BENTES; ALKMIM, 2012, p. 29), o que permite ao seu povo exprimir o mundo físico e simbólico em que se insere. Fruto de um passado e presente, as heterogeneidades nela (língua) existentes permitem despertar consciência da necessidade e possibilidade de adequação das formas às circunstâncias do processo de comunicação.

A língua como um sistema complexo (dinâmico; aberto; composto por agentes de diferentes tipos, continuamente transformados) sofre variações que são resultados de fenômenos de interação “onde o estado de um sistema complexo refere-se a padrões de comportamento atuais, não a uma estase” (CAMERON, LARSEN-FREEMAN, 2007, p.6). A comunidade de fala seleciona, portanto, aos usos linguísticos que se tornarão mais duradouros que outros, isso porque “certas estruturas tem maior

utilidade pragmática ou semântica ou porque estão associadas a certos dialetos de prestígio ou devido a sua função ou registro serem específicos” (CAMERON, LARSEN-FREEMAN, 2007, p.6).

A língua, segundo Cameron e Larsen-Freeman (2007, p.2), possui essencialmente função social cujos processos de “aquisição, uso e mudança não são independentes um do outro, mas são facetas de um mesmo sistema”. Embora sofra influências de todos os tipos e esteja suscetível a mudanças, a língua, de algum modo, mantém também sua identidade permitindo aos usuários valer-se dela para a interação. Forças sociais e motivação têm “o papel de manter a língua do mesmo modo que as células do corpo estão constantemente sendo criadas e descartadas” (CAMERON, LARSEN-FREEMAN, 2007, p.6) compondo um jogo delicado de continuidade e inovações.

A estrutura linguística emerge como um sistema complexo e adaptável da interação verbal, resultado da necessidade de comunicação entre os sujeitos que compõem as comunidades de fala. Eles organizam o léxico em construções que tornam-se frequentes e podem ser aprendidas. Larsen-Freeman e Cameron elaboram a *Teoria dos Sistemas Complexos* compreendendo língua, como um “um sistema dinâmico, continuamente em mudança” (CAMERON, LARSEN-FREEMAN, 2007, p.7), heterogêneo, nunca estando plenamente realizada ou concluída.

A partir dessas concepções de variações vistas em Labov, Benveniste e Larsen-Freeman e Cameron, reconhece-se o fato de que os usuários da língua têm a capacidade de criar suas próprias formas de significados. Ao tempo em que a variação pode ocorrer em todos os níveis linguísticos como aponta Chambers et al. (2003): (i) fonético/ fonológico: Bath – b[a]th ~ b[a:]th; (ii) morfológico: She dived on the river. ~ She dove on the river; (iii) lexical: Sandwich ~ hero ~ grinder; (iv) sintático: There is not a car here. ~There isn’t a car here. ~There’s not a car here; (v) semântico: Nut – fruit ~ tool ~ crazy ~ man’s testicles; (vi) Pragmático: a escolha entre “we” e “they” pode ajudar a indicar se os falantes se posicionam como membros particulares de grupos ou não; ou o uso da dupla negativa “might could” raramente usada na escrita, mas amplamente usada em negociações e situações sensíveis de enfrentamento.

Fica claro, pois, que as variações linguísticas se realizam em todos os níveis da língua de modo que seus usuários empregam-nas para construir identidades. O viver em sociedade redimensiona o tempo todo a linguagem, ao tempo que “a variação passa a consistir uma espécie de caos organizado, cujos princípios merecem ser escrutinados” (MUSSALIM, BENTES; CAMACHO, 2012, p. 41). Assim, algumas expressões podem gerar efeitos positivos (valorização) ou negativos (preconceito) a seus falantes.

Essa natureza discriminatória deve ser substituída pelo respeito à diversidade linguística e a sala de aula precisa ser um espaço plural cujo principal objetivo seja

o de propiciar acesso a bens simbólicos (língua e variações) a todas as camadas sociais, fazendo da língua não um objeto de dominação, mas um instrumento de inclusão do sujeito no meio social. Cabe à escola, pois assumir seu papel de instituição de vanguarda visando uma ação linguística e social transformadora.

3 . VARIAÇÃO LEXICAL

A variação lexical é uma das formas como uma língua varia e embora “o falante possa não saber o significado de um vocábulo ou de outro, ao ouvi-lo pela primeira vez, ele não questiona o fato de que ambos são palavras” (FIORIN, 2012, p. 122). Dado que a “relação entre objeto real e a palavra para descrevê-lo é quase sempre arbitrária” (WOLFRAM, SCHILLING, 2016, p.60), pessoas de diferentes regiões ou grupos sociais podem usar diferentes palavras para descrever o mesmo objeto. Um exemplo disso é o que acontece com a palavra que descreve sapato esportivo: *tennis shoes*, *sneakers*, *gym shoes* ou *running shoes*. Todas essas possibilidades apresentam-se mediante às necessidades da comunidade de fala (grupos sociais ou regionais) e sua historicidade.

As palavras também podem ser usadas com significados diferentes, considerando que estes são fluidos e transitórios, e podem mudar inúmeras vezes em diferentes lugares e tempos diversos. Por exemplo, a palavra *barn* ao ser trazida da Inglaterra para os Estados Unidos era usada para referir-se a um local para estocar grãos, no entanto seu significado foi sendo gradualmente expandido referindo-se a uma construção usada para: guardar ferramentas e maquinários usados na fazenda e proteger animais, o que resulta num processo denominado *Semantic Broadening* (WOLFRAM, SCHILLING, 2016).

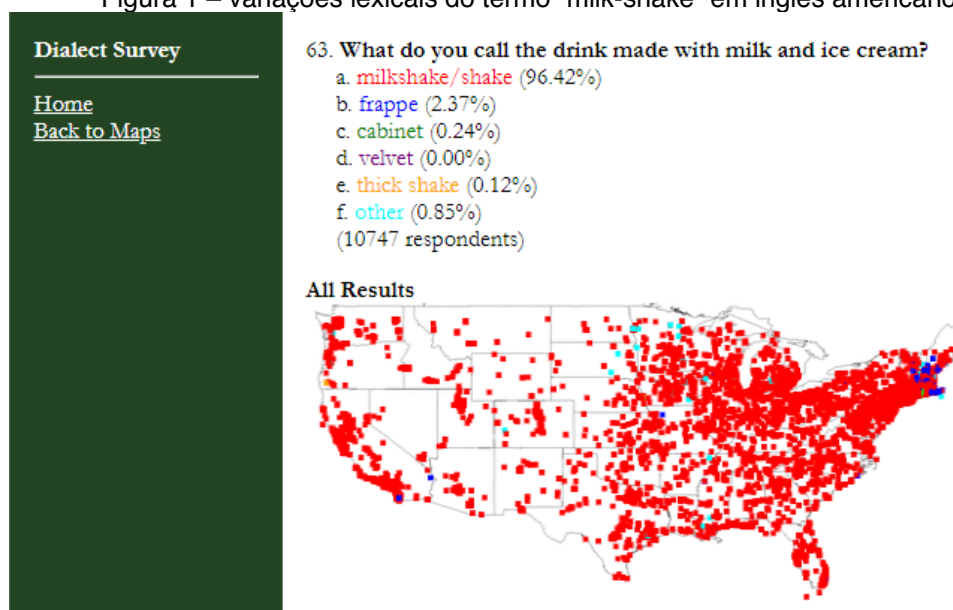
O inverso, *Semantic Narrowings*, também é muito comum na Língua Inglesa “A palavra *meat* referia-se a comida em geral, mas agora refere-se a apenas um tipo de comida” (WOLFRAM, SCHILLING, 2016, p.60), carne vermelha; e a palavra *girl* que já foi usada para referir-se à criança, independente do sexo, hoje refere-se apenas à criança do sexo feminino. Estes movimentos da língua demonstram sua fluidez e negam qualquer processo de cristalização eternizado.

Presume-se, a partir dessas observações, que um falante-aprendiz de Inglês como Língua Estrangeira/ Segunda Língua irá se deparar com indivíduos ou comunidades de fala que utilizam palavras diferentes para se referirem a um mesmo objeto, portanto o ensino das variações lexicais é importante visando a comunicação/ interação desse sujeito com a comunidade no ato de fala (Ver Bortoni-Ricardo, 2014).

A partir desses conceitos, seguem alguns exemplos, a título de observação e estudo, cujo objetivo é demonstrar como a variação pode se dar dentro da Língua Inglesa. Eles foram retirados do *The Harvard Dialect Survey* (2003), uma pesquisa

desenvolvida pelo professor Bert Vaux e colaboradores, no Departamento de Linguística da Universidade de Harvard, que criou mapas dialetais a partir de uma série de perguntas, incluindo fonética e léxico, visando explorar palavras e sons da língua.

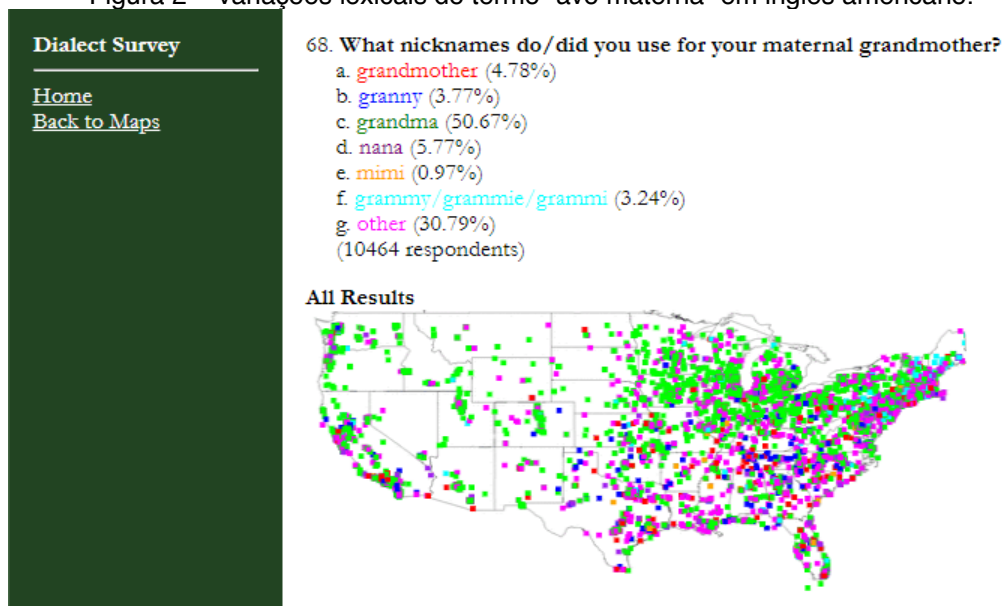
Figura 1 – variações lexicais do termo “milk-shake” em inglês americano.



Para designar *leite batido com sorvete* (acima, caso 63), usa-se no Brasil um anglicismo: *milk-shake*. Mas um falante aprendiz pode se deparar também com os termos *frappe*, *cabinet* ou *thick shake*. A palavra *milk-shake/shake* é usada por 96,42% dos falantes nativos entrevistados, o que justificaria o uso da mesma pela comunidade linguística no Brasil, assim como sua ampla divulgação. Partindo da premissa de que “o livro didático deve apresentar as diversas variedades da língua, quanto a seu contexto geográfico, social e situacional, além de levar o aluno a refletir sobre estas variedades e aplicá-las nos diversos contextos” (RODRIGUES, 2005), a seleção e também a exclusão de certos vocábulos em livros didáticos, como o caso de *frappé*, dão ao leitor uma falsa percepção de que não há outras palavras para designar o mesmo termo e fortalecem, possivelmente, o preconceito linguístico (Ver Francescon, Senefonte, Barones, 2013).

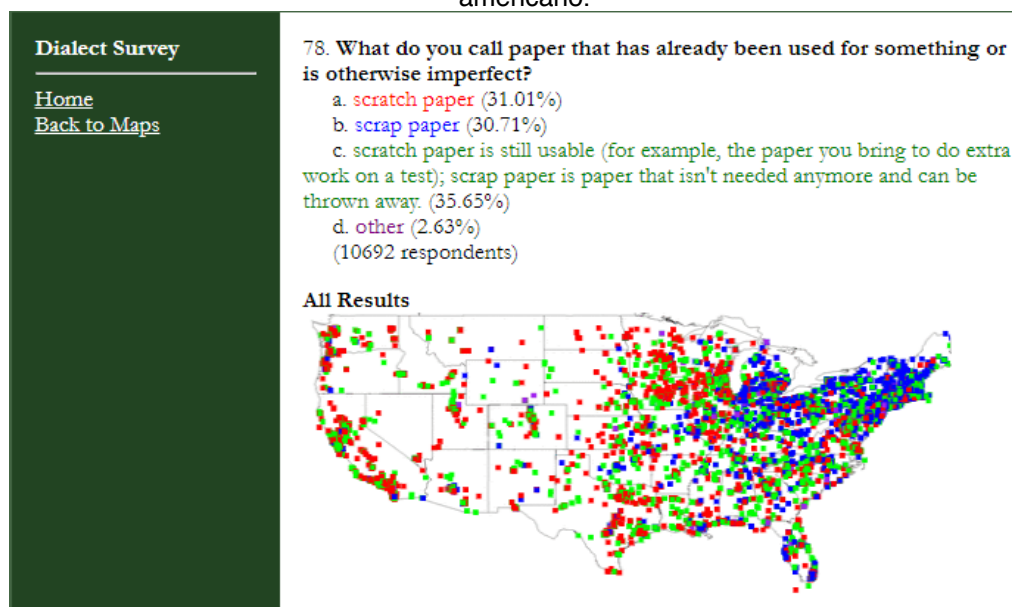
No segundo caso (68, abaixo), para designar *avó materna*, a palavra *grandma* é usada por 50,67% dos falantes. No entanto, percebe-se que 30,79% dos entrevistados utilizam outros nomes que não os difundidos (*grandmother*, *granny*, *nana*), trazendo um caráter ainda mais difuso ao termo. Isso se deve ao fato de que palavras relacionadas à família ou grupos de pessoas próximas em Língua Inglesa pertencem a um grupo semântico denominado *Nouns denoting people* e por esse motivo podem receber palavras com referência privada, relacionadas a seus nomes ou características pessoais, dando um tom de proximidade e afeto às mesmas (BIBER, 1988).

Figura 2 - variações lexicais do termo “avó materna” em inglês americano.



Observe o caso 78 que refere-se a um *papel que já foi usado ou está imperfeito*:

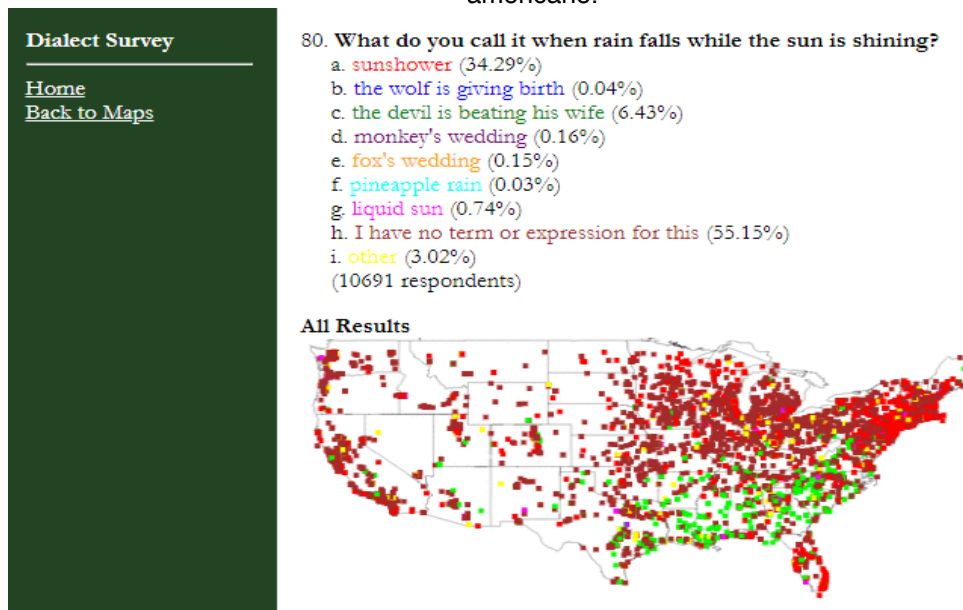
Figura 3 - variações lexicais do termo “papel que já foi utilizado ou está imperfeito” em inglês americano.



A variação flutua majoritariamente entre dois termos *scratch paper* ou *scrap paper*. No entanto, um processo curioso acontece: 35,65% dos falantes compreende que existe uma diferença entre as duas palavras (nível semântico/sintático) onde a primeira (*scratch paper*) seria um papel ainda possível de ser utilizado como um rascunho e a segunda (*scrap paper*), um papel cujo uso não se faria mais necessário e poderia, então, ser descartado. 61,72% dos falantes, no entanto, os veem como equivalentes o que poderia ocasionar uma ambiguidade comunicativa.

A variação, neste caso, é tanto intencional (interna ao falante) quanto extensional (externa) gerando uma interpretação que envolve mecanismos como significação, extensão, intenção, valores, fatos, entre outros. Mas para que isso aconteça, é necessário “uma quantidade de conhecimento de mundo, e tal conhecimento só pode ser parcialmente expresso dentro da linguística ou gramática, no léxico” (DIJK, 1985, p.105) cujas propriedades sublinham as características.

Figura 4 - variações lexicais do termo “chuva enquanto o sol está brilhando” em inglês americano.

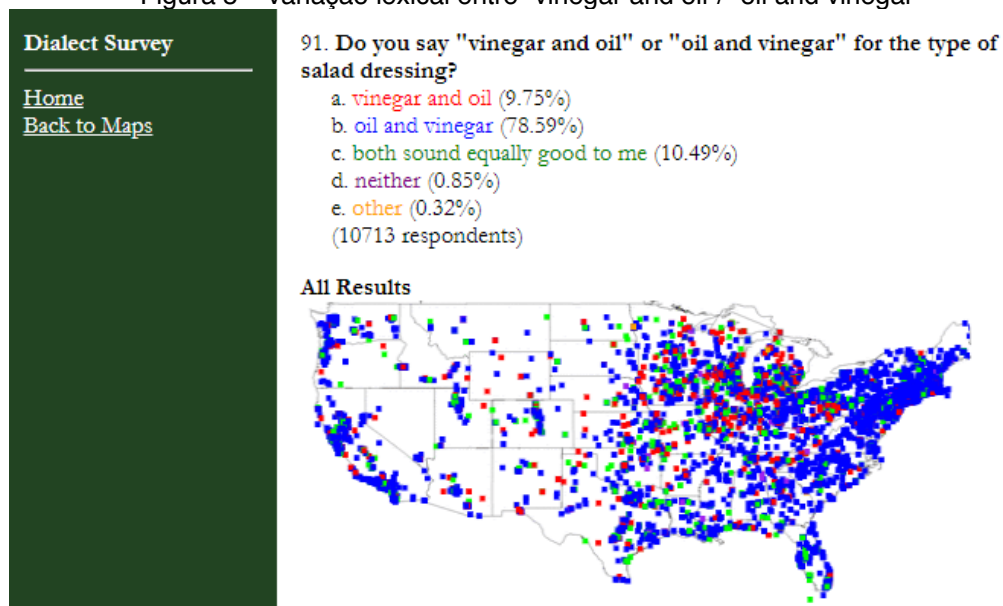


Neste caso (80), para designar *quando a chuva cai enquanto o sol brilha*, tem-se uma lista extensa de itens lexicais usados em diferentes regiões como *sunflower* (uso predominante no Leste dos EUA), *the wolf is giving birth* (apenas 4 estados: Oklahoma, Wisconsin, Indiana e Pensilvânia), *the devil is beating his wife* (parte Central), *monkey's wedding* ou *fox's wedding* (pontos isolados no mapa), *pineapple rain* (apenas 2 localidades situadas no Texas e Kansas), *liquid sun* e outros. Cabe aqui ressaltar que 55,15% dos entrevistados não possuem um termo ou expressão para tal palavra.

Um outro tipo de variação no que tange à ordem das palavras é: *Collocation*. Um comportamento linguístico em que uma sequência de palavras ou termos ocorre junto com muita frequência tornando-se natural, de modo que o acréscimo ou alteração da ordem causa estranheza. Seguem alguns exemplos de casos pertencentes a diferentes combinações: *bread and butter*, *bed and accommodation* (*noun+noun*); *fast food*, *quick shower* (*adjective + noun*); *drive a car*, *take a chance* (*verb + noun*).

Analisando a expressão abaixo, percebe-se que embora ainda não se classifique como *collocation*, dado em que são aceitas ambas as ordens, há maior utilização da expressão *oil and vinegar* (78,59%) o que pode indicar um caminho à *crystalização* da expressão mediante maior reconhecimento por diferentes grupos sociais e comunidades linguísticas (Ver Sinclair, 1991).

Figura 5 – variação lexical entre “vinegar and oil”/ “oil and vinegar”



Pode-se encontrar, portanto, diversos exemplos de variações lexicais na Língua Inglesa que demonstram que independente do espaço geográfico, o aluno sempre encontrará falantes nativos ou não que utilizam diferentes formas para designarem uma palavra. Não negando a importância de ensinar fenômenos de variação linguística e entendendo que a língua não é estática, mas antes fluida, dinâmica, instável, nota-se a necessidade de se abordar a existência da variação lexical na sala de aula de Língua Inglesa com o intuito de ampliar as competências necessárias à comunicação. A partir desses entendimentos, como os professores poderiam abordar a variação em sala de aula? Quais documentos orientam o ensino da variação? E a partir de qual perspectiva?

4 . PROPOSTA DE ENSINO A PARTIR DA VARIAÇÃO

Na perspectiva educacional contemporânea, o estudo da Língua Inglesa pode prover aos estudantes o conhecimento de saberes linguísticos essenciais para o engajamento e participação no mundo globalizado e plural, contribuindo para o desenvolvimento de uma consciência crítica que seja capaz de fomentar o exercício de uma cidadania mais ativa bem como inserir esse sujeito no mundo cultural, acadêmico, científico e mercadológico.

Publicada em 2017, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) apresenta um novo foco para o Componente Curricular de Língua Inglesa, enfatizando a função social e política do inglês, considerando-o assim como língua franca. Nesta perspectiva, “a língua inglesa não é mais aquela do ‘estrangeiro’, oriundo de países hegemônicos, cujos falantes servem de modelo a ser seguido, nem tampouco trata-se de uma variante da língua inglesa” (BRASIL, 2017). A Língua Inglesa não pertence apenas aos nativos (Estados Unidos, Inglaterra, Canadá), mas é incorporada pelos

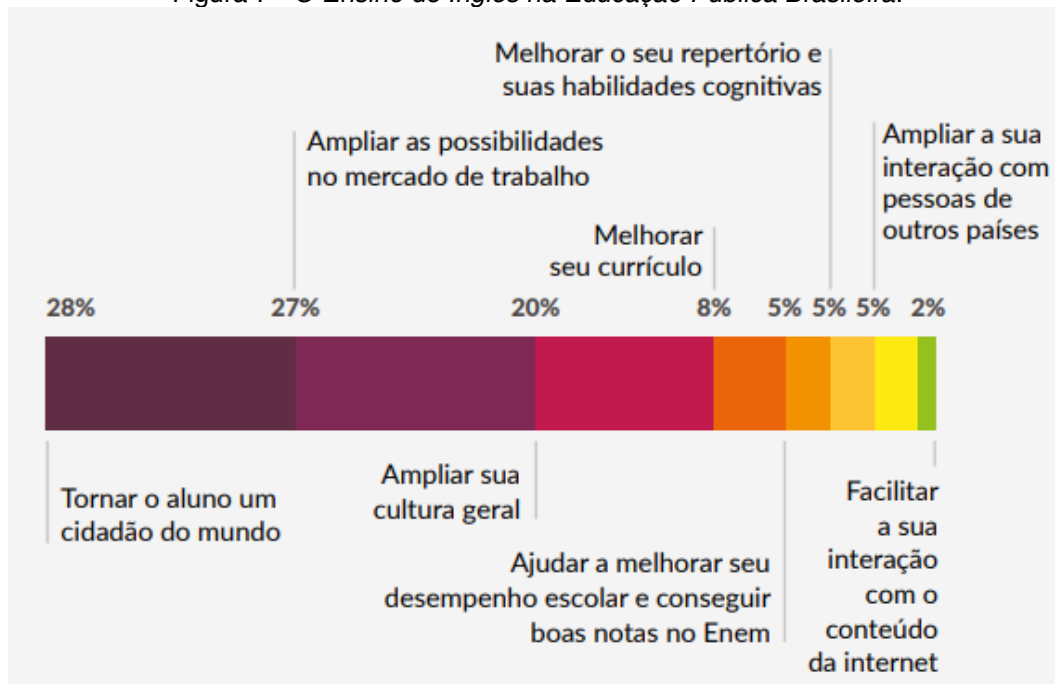
sujeitos em diversos contextos através de interações que favorecem ao ensino de forma intercultural.

Ao considerar a sala de aula de inglês, percebem-se alguns problemas, como “vulnerabilidade social; turmas grandes e heterogêneas; condições de contratação e salários baixos” (MOTTIN; XAVIER, 2019, p.35). Além de carga horária semanal de apenas 2 aulas, “87% dos professores possuem formação superior, porém a maioria dos docentes de inglês não possui graduação específica na Língua Inglesa” (MOTTIN; XAVIER, 2019, p. 32). O estudo realizado pelo British Council Brasil, em 2015, intitulado *O Ensino de Inglês na Educação Pública Brasileira* ainda aponta que “38% dos professores de Língua Inglesa atuam em, no mínimo, seis turmas (entre seis e dez turmas) e que outros 38% lecionam mais de um componente curricular” (MOTTIN; XAVIER, 2019, p. 32).

Vale ainda destacar que os recursos que mais ajudam aos professores são “projektor de slides/datashow (60%), acesso à internet (53%) e músicas (48%).” Estes mesmos recursos foram avaliados pelos alunos em relação a seu caráter motivador, no entanto o resultado foi o inverso: “músicas (50%), acesso à internet (41%) e projetor de slides/datashow (40%)” (MOTTIN; XAVIER, 2019, p.35).

Outro aspecto muito importante é a percepção do professor em relação à função da Língua Inglesa para o aluno, que conforme demonstrado na imagem abaixo, valorizaria: (i) o engajamento do sujeito como cidadão do mundo e (ii) a ampliação das possibilidades para o mercado de trabalho.

Figura 7 - *O Ensino de Inglês na Educação Pública Brasileira*.



Fonte: Currículo e educação integral na prática: caminhos para a BNCC de língua inglesa.

Fazendo menção à dimensão formativa do processo de ensino-aprendizagem de uma Segunda Língua, aprender Inglês oportuniza “engajamento e participação, contribuindo para o agenciamento crítico dos estudantes e para o exercício da

cidadania ativa, além de ampliar as possibilidades de interação e mobilidade, abrindo novos percursos de construção de conhecimentos e de continuidade nos estudos” (BRASIL, 2017, p.239). Na perspectiva de uma educação consciente, linguística e crítica, esse caráter formativo (1ª implicação para o currículo, segundo a BNCC) associa a Língua Inglesa a dimensões políticas e pedagógicas.

Esse status de Língua Franca antepõe sua função social e política e desloca a língua de um lugar ideal para um lugar real em que são consideradas as diferenças culturais e variações linguísticas decorrentes do uso de suas referidas comunidades. Auxiliando a construção de novas perspectivas educacionais/culturais e a eliminar o preconceito linguístico, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) quer reconhecer os mais variados repertórios linguísticos.

O ensino de Língua Inglesa colabora, dessa maneira, para desenvolver competências dentro do eixo da produção e compreensão oral e escrita englobando práticas de linguagem que são resultados do contato com a dimensão (inter)cultura que compreende as culturas como processo de construção contínuo. Tratando a língua de forma discursiva, a BNCC depreende várias dimensões (habilidades) para o desenvolvimento da competência linguística dos estudantes através do contato com a língua em situações reais de uso.

A relação entre língua, falantes e contexto (geográfico, cultural, social, político) ressignifica, pois, o processo de ensino-aprendizagem baseado na interpretação e compreensão de diferentes textos que circulam em diversas esferas sociais tentando a educação linguística e crítica sob a perspectiva do multiletramento (2ª implicação para o currículo).

Assim sendo, “a língua inglesa potencializa as possibilidades de participação e circulação – que aproximam e entrelaçam diferentes semioses” (BRASIL, 2017, p.238) através de práticas sociais e diferentes linguagens (verbal e não-verbal) por meio de gêneros e multimeios autênticos em processo contínuo de significação dialógico e ideológico que pode ser usado por falantes multilíngues expressando suas múltiplas culturas.

As abordagens de ensino (3ª implicação para o currículo) visa compreender que “determinadas crenças – como a de que há um ‘inglês melhor’ para se ensinar, ou um “nível de proficiência” específico a ser alcançado pelo aluno – precisam ser relativizadas” (BRASIL, 2017, p.238). Isso requer uma prática de legitimação de “diferentes formas de expressão na língua” por parte do professor “como o uso de ain’t para fazer a negação, e não apenas formas “padrão” como isn’t ou aren’t” (BRASIL, 2017, p.238). Não é tratar esses usos como exceção ou curiosidade, mas

tratar usos locais do inglês e recursos linguísticos [...] na perspectiva de construção de um repertório linguístico [...] que deve ser disponibilizado ao aluno para dele fazer uso observando sempre a condição de inteligibilidade na interação linguística (BRASIL, 2017, p.238).

Essa compreensão de Inglês como Língua Franca acolhe as variações linguísticas existentes em diversos repertórios sociais e culturais dentro e fora da sala. O estudo do Léxico tem como objetivo conduzir os alunos à descoberta do funcionamento real da Língua Inglesa trazendo consigo um desafio metodológico onde a abordagem tradicional, tecnicista e conteudista perde espaço e o uso discursivo da língua através do uso de metodologias ativas vise participação efetiva dos alunos possibilitando-os vivenciar de maneira significativa um modo crítico-reflexivo de se pensar a língua.

Dentro desta perspectiva, o papel do professor de língua Inglesa vai além de ensinar apenas a língua, mas de firmar uma posição de mudança, trazendo uma reflexão crítica da contemporaneidade, enfocando questões como preconceito linguístico, variações e diversidade. Eles “podem cooperar em sua própria marginalização imaginando-se como meros ‘professores de língua’ sem conexão alguma com questões sociais e políticas, ou então podem aceitar o paradoxo do letramento como forma de comunicação interétnica” (GEE, 1986, p. 722). Isso conduz a experiências pedagógicas que implicam em novas aprendizagens, desenvolvimento de múltiplas competências linguísticas e um novo sentido ao fazer docente e discente onde Inglês como língua franca tem a possibilidade de “recriar a cada dia o significado de incluir, formar e cidadanizar” (BASSALOBRE, 2013, p. 317).

5 . CONCLUSÃO

O presente estudo abordou a questão da variação linguística à luz de Labov, Benveniste e Cameron & Larsen-Freeman conceituando-a e compreendendo seu comportamento no aspecto social. Embora dinâmica, fluida, mutável, a Língua mantém sua identidade através da qual se organiza o léxico. Do ponto de vista da sociolinguística, a fala reflete padrões variados de um sistema compartilhado de relações sociais enquanto a língua cria e opera nas estruturas sociais.

Colocando em cena, o falante real com várias tonalidades em contextos diversos, isso conduz a uma resignificação da aprendizagem e ensino de língua estrangeira onde: (i) o sujeito é compreendido como um ser que constrói identidades e intersubjetividades moldado por seu gênero, etnia, classe social e processos sócio-históricos e sócio políticos; e (ii) a natureza social da linguagem em que a sala de aula é socialmente situada e a aprendizagem é entendida como uma participação relacional e interativa, demarcada por relações desiguais de poder. Neste sentido, aprender uma língua estrangeira significa subverter e transgredir padrões.

A aprendizagem do inglês como uma língua franca possibilita o aumento da auto percepção do aluno como ser humano e cidadão, desse modo deve-se centrar em seu engajamento discursivo e em sua capacidade de engajar os outros no discurso,

de forma que eles possam agir no mundo social. A conscientização depende, pois, do grau de conscientização do indivíduo acerca de si próprio e dos outros, contribuindo para a construção da cidadania e o desenvolvimento de consciência cultural. O ensino de Língua Inglesa está diretamente relacionado à constituição social do estudante como sujeito de determinada identidade cultural que se percebe diferente do outro e que respeita as diferenças, diversidades.

À luz dos conceitos linguísticos variacionistas, uma gama de expressões lexicais foram selecionadas de uma pesquisa do Departamento de Linguística de Harvard (2003) onde questões como livro didático, nomes que denotam pessoas, ambiguidade comunicativa, a inexistência de termos para algumas expressões idiomáticas e *collocations* foram estudadas. Para que a riqueza desses estudos sociolinguísticos não se postulem apenas como meras teorias, através da BNCC os professores de Língua Inglesa deveriam se valer da variedade de gêneros textuais à disposição em multimídias para focar na questão da diversidade linguística e lexical desenvolvendo uma didática mais interativa e colaborativa visando a diminuição de preconceitos sociais e linguísticos.

O mercado educacional precisa, pois, formar estudantes cada vez mais capazes de cumprir seus múltiplos papéis de cidadão neste mundo global e interconectado, sendo capazes de refletir criticamente em situações diversas, se adequar aos contextos vivenciados, escolher a linguagem adequada a cada situação, e é a prática em sala de aula, o modo como os assuntos são abordados, que vão contribuir para esse sucesso. Neste sentido, almeja-se que os alunos tenham acesso a mais de um tipo de variedade linguística fazendo-se necessário o ensino da variedade culta da língua sem foco exclusivo nela, é preciso mostrar a riqueza e a diversidade existentes na língua em questão.

REFERÊNCIAS

ALKMIM, Tania. **Sociolinguística, Parte I**. In: Mussalim, Fernanda & Bentes, Anna Christina (orgs.), **Introdução à linguística - domínios e fronteiras**. São Paulo, Cortez, v. 1, cap. 1, p. 21-48, 2012.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral**. São Paulo, Cia. Editora Nacional/ EDUSP, 1976.

_____, Émile. **Problemas de Linguística Geral II**. Campinas: Pontes, 1989.

BIBER, Douglas. **Variation across Speech and Writing**. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília: MEC/SEF, 2017. Disponível em http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=79601-anexo-texto-bncc-reexportado-pdf-2&category_slug=dezembro-2017-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 01 de Julho de 2019.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Manual de sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2014.

CAMACHO, Roberto Gomes. **Sociolinguística, Parte II**. In: Mussalim, Fernanda & Bentes, Anna Christina (orgs.), *Introdução à linguística - domínios e fronteiras*. São Paulo, Cortez, v. 1, cap. 1, p. 49-76, 2012.

CAMERON, Lynne; LARSEN-FREEMAN, Diane. **Complex Systems and applied linguistics**. *International Journal of Applied Linguistics*, 17(2), p. 226-239, 2007.

CHAMBERS, J.K.; TRUDGILL, Peter; SCHILLING-ESTES, Natalie. **The handbook of language variation and change**. Malden/Oxford, Blackwell Publishing, 2003.

DIJK, Teun A. Van. **Handbook of Discourse Analysis**. University of Amsterdam. Amsterdam, The Netherlands: Academic Press, Inc., 1985.

FIORIN, José Luiz (org.). **Introdução à linguística**. Ed. 6, 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2012.

FISHMAN, J. A. **A sociologia da Linguagem**. In: Fonseca, M. S. V. & Neves, M. S. (orgs.), *Sociolinguística*. Rio de Janeiro, Eldorado, 1974 [1972].

FRANCESCON, Paula Kracker; SENEFONTE, Fábio Henrique Rosa; BARONAS, Joyce Elaine de Almeida. **Variação linguística no ensino de língua inglesa**. *Revista Entrelinhas*, v. 7, n. 2, p. 209-221, 2013.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução: Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

LIMA, Diógenes Cândido de (org.). **Ensino e Aprendizagem de língua inglesa: conversa com especialistas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

MOTTIN, Livia Pretto; XAVIER, Maria do Carmo Ferreira. **Currículo e educação integral na prática: caminhos para a BNCC de língua inglesa**. 1. Ed. – São Paulo: Associação Cidade Escola Aprendiz, 2019.

RODRIGUES, Daniel Sa. **O tratamento da variação linguística em livros didáticos de língua inglesa**. Fortaleza: Universidade Estadual do Ceará, 2005. 82 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Linguística Aplicada), 2005.

SINCLAIR, J.M. **Corpus, Concordance, Collocation**. Oxford, United Kingdom: Oxford University Press, 1991.

VAUX, Bert; GOLDBER, Scott A. **The Harvard Dialect Dictionary**. Cambridge, MA: Harvard University Linguistics Department, 2003. Disponível em: https://www4.uwm.edu/FLL/linguistics/dialect/staticmaps/q_43.html. Acesso em: 01 de junho de 2019.

WOLFRAM, Walt; SCHILLING, Natalie. **American English: dialects and variation**. 3ª edição. Malden/ Oxford: Wiley Blackwell, 2015.

SOBRE AS ORGANIZADORAS

Patricia Vasconcelos Almeida - Pós doutora em Linguagem e Tecnologia pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professora associada da Universidade Federal de Lavras (UFLA), atuando na graduação em Letras e na pós-graduação nos programas de Educação (mestrado profissional) e de Letras (mestrado acadêmico). Líder do Grupo de Pesquisa CNPq - Tecnologias e Práticas Digitais no ensino-aprendizagem de línguas. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Língua Inglesa, atuando principalmente nos seguintes temas: Formação de professores, ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras mediado pelas tecnologias digitais, tecnologia educacional, ambientes virtuais de aprendizagem.

Mauriceia Silva de Paula Vieira - Doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professora Associada da Universidade Federal de Lavras (UFLA), atuando na graduação e na pós-graduação. Possui experiência docente na educação básica, na formação continuada de professores alfabetizadores e de professores de língua portuguesa. Suas pesquisas se inserem nas seguintes áreas: ensino de língua portuguesa; leitura e práticas de letramentos; letramento digital e uso de tecnologias; análise linguística/semiótica em perspectiva funcionalista..

ÍNDICE REMISSIVO

A

Aleitamento 162, 163, 164, 165, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177

Aprendizagem 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 22, 23, 24, 26, 34, 35, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 58, 59, 60, 63, 66, 68, 74, 76, 77, 78, 80, 81, 82, 84, 85, 86, 88, 89, 90, 91, 98, 102, 103, 116, 117, 122, 125, 128, 130, 135, 141, 153, 178

B

Bilinguismo 88, 92, 102

C

Competência leitora 119

Componente curricular 13, 14, 21, 22, 113, 119, 120

Conteúdos culturais 76

Cultura 23, 29, 32, 40, 42, 43, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 70, 71, 74, 75, 76, 78, 79, 87, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 97, 99, 102, 104, 110, 112, 115, 117, 118, 121, 124, 128, 136, 142, 143, 144, 145, 151, 155, 156, 157, 159, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 171, 175, 176

E

Ensino 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 17, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 31, 35, 36, 41, 43, 44, 45, 46, 48, 49, 51, 52, 53, 54, 59, 61, 62, 63, 64, 66, 67, 71, 74, 75, 76, 77, 78, 80, 81, 82, 84, 85, 86, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 97, 98, 99, 100, 101, 103, 107, 109, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 135, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 147, 148, 150, 151, 160, 178

Enunciados 29, 40, 47, 48, 100, 111, 141, 142, 144, 146, 147, 148, 150, 152, 158

G

Gênero discursivo 28, 29, 31

Gênero textual 41, 130, 137

I

Inconsistências 51

Intercultural 22, 27, 28, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 63, 67, 68, 73, 74, 76, 77, 79, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 98, 99, 100, 103, 109

Interculturalidade 28, 30, 35, 36, 63, 64, 66, 67, 68, 99, 110, 112

Interferência 37, 39, 44, 47, 48

Interlíngua 37, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 53

Internacionalização 105, 106, 107, 108, 109, 112, 116

Inter-relações 141, 143

L

Leitura 1, 2, 4, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 27, 36, 73, 83, 91, 102, 111, 112, 118, 120, 121, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 137, 138, 139, 142, 147, 153, 158, 174, 178

Letramento 12, 24, 36, 88, 89, 90, 91, 92, 98, 99, 100, 101, 103, 120, 122, 123, 124, 127, 128, 129, 131, 132, 151, 178

Língua 4, 5, 6, 7, 8, 9, 11, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 58, 59, 60, 61, 63, 64, 65, 66, 67, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 80, 81, 82, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 106, 110, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 121, 122, 125, 127, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 148, 150, 152, 153, 158, 160, 161, 178

Linguagem 1, 2, 3, 5, 6, 8, 9, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 23, 24, 25, 26, 29, 30, 31, 35, 36, 48, 50, 60, 111, 112, 115, 117, 122, 124, 126, 129, 134, 136, 139, 142, 143, 146, 151, 154, 160, 161, 178

Língua inglesa 6, 7, 8, 13, 14, 17, 18, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 34, 37, 47, 48, 112, 113, 118, 178

Língua portuguesa 37, 47, 48, 63, 72, 73, 75, 76, 78, 87, 88, 90, 91, 93, 97, 100, 101, 102, 119, 121, 122, 125, 127, 130, 131, 132, 137, 140, 158, 161, 178

Línguas 2, 3, 5, 11, 12, 15, 27, 28, 34, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 47, 48, 49, 51, 52, 53, 54, 59, 60, 61, 62, 65, 67, 71, 73, 74, 76, 77, 80, 82, 86, 88, 89, 90, 92, 93, 94, 98, 99, 100, 101, 103, 105, 106, 108, 113, 114, 116, 141, 142, 143, 144, 145, 147, 149, 150, 151, 178

Literatura 5, 51, 54, 55, 74, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 153, 160

M

Materiais didáticos 51, 73, 92

Mitos 12, 101, 153, 155, 156, 159

P

Povos indígenas 88, 89, 90, 91, 92

Práticas 12, 23, 27, 28, 31, 34, 36, 40, 49, 63, 71, 72, 73, 76, 77, 87, 90, 92, 97, 99, 103, 106, 109, 122, 123, 125, 128, 135, 139, 141, 142, 143, 144, 145, 147, 148, 149, 150, 151, 166, 169, 176, 177, 178

Práticas de translinguismo 141, 142, 143, 145, 147, 148, 149, 150

R

Recursos linguísticos 23, 55, 60, 152, 159

Representação simbólica 162

Representações 1, 2, 3, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 43, 100, 133, 163, 167, 168, 169

S

Sistema linguístico 47, 53

Sociocultural 14, 39, 64, 68, 73, 80, 91, 99, 112, 162, 171

T

Tarefas 7, 41, 51, 52, 54, 55, 56, 57, 58, 60, 61, 62, 71, 78, 80, 81

V

Varição linguística 13, 14, 15, 21, 24, 26

Violência 63, 64, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 169, 174, 175



**EDITORIA
ARTEMIS
2020**